

# **Cantos, cantigas, contos e causos:** relato de experiência em uma escola do campo no povoado de Itaipava, Vargem Grande do Rio Pardo, norte de Minas Gerais

Rubem de Almeida<sup>1</sup>, Danielle Piuzana Mucida<sup>2</sup>, Osmar Aparecido de Melo<sup>3</sup>

## **Resumo**

A produção de materiais pedagógicos em consonância com os princípios político-pedagógicos específicos de comunidades locais é uma das necessidades atuais da educação do campo. Nesse sentido, este trabalho apresenta atividades desenvolvidas na Escola Clemente Antônio de Melo, em Vargem Grande do Rio Pardo, norte de Minas Gerais. A proposta de intervenções pedagógicas na escola, por meio da confecção de um DVD e de uma cartilha pedagógica, objetivou melhorar a qualidade da educação em classes multisseriadas e potencializar sua relação com a comunidade. O trabalho ocorreu por meio da observação não participativa e foi notada grande variedade de cantos, cantigas, brincadeiras e versos usados por professores, além de agricultores do entorno. Como resultado, houve a formatação de uma cartilha de cantigas e brincadeiras com contribuição dos professores e alunos da escola, que, ao serem abordados sobre seu uso, demonstraram satisfação em ter esta atividade no cotidiano escolar. Os contos são lidos ou contados por professores, alunos do 2º ao 5º ano e pessoas da comunidade, em sala de aula ou em eventos comemorativos da escola que objetivam a participação da comunidade. As cartilhas confeccionadas imortalizarão parte da cultura local e trarão para dentro da escola a sabedoria popular, configurando-se em uma contribuição das comunidades tradicionais para a educação do campo.

## **Palavras-chave**

Cartilhas. Educação do Campo. Saberes Locais.

**1.** Graduado em Educação do Campo pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais; extensionista rural da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais-EMATER-MG. E-mail: rubemegraciele@yahoo.com.br.

**2.** Pós-doutora em Geologia Regional e Geocronologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; professora adjunta IV da Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais. E-mail: dpiuzana@yahoo.com.br

**3.** Graduando em Educação do Campo na Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais. E-mail: osmarvngmg@hotmail.com.

# **Chants, short stories and tales:** an experience report in a rural school in the village of Itaipava, Vargem Grande do Rio Pardo, northern Minas Gerais, Brazil

Rubem de Almeida\*, Danielle Piuzana Mucida\*\*, Osmar Aparecido de Melo\*\*\*

## **Abstract**

The production of teaching materials in line with the pedagogical political principles from local communities is one of the specific current needs of the field of education. In this way, this paper describes some activities that were developed at the school Clemente Antônio de Melo in the rural zone of Vargem Rio Grande do Rio Pardo, northern Minas Gerais, Brazil. The objective was to propose educational interventions, through the making of a DVD and an educational pamphlet, which contribute to the improvement of education quality in multigraded classes as well as to enhance the community's good relationship with the school. The work took place through non-participant observation in which a wide variety of chants, songs, jokes and verses used by teachers as well as by the surrounding farmers was noticed. This resulted in the creation of a booklet of songs and games with input from teachers and school students. When questioned about their use, the people demonstrated satisfaction in having such activities conducted at school. The stories are read or told by teachers, fifth year students and people in the community, in class or at school celebrations, with a view to arousing community participation. The pamphlets will immortalize the local culture and introduce popular wisdom to schools, a contribution of traditional communities to rural education.

## **Keywords**

Pamphlets. Rural Education. Local Knowledge.

\* Graduate in Rural Education, Federal University of Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, Brazil; rural extensionist at Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais- EMATER-MG. E-mail: rubemegraciele@yahoo.com.br.

\*\* Post-Doctorate in Regional Geology and Geochronology, Federal University of Minas Gerais, Minas Gerais, Brazil; level 4 assistant professor, Federal University of Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais. E-mail: dpiuzana@yahoo.com.br.

\*\*\* Undergraduate in Rural Education, Federal University of Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, Brazil. E-mail: osmarvgmg@hotmail.com.

## Introdução

Os movimentos sociais lutam por uma educação do campo diferente da educação convencional. A ideia de “educação do campo” surgiu em julho de 1997, em Brasília, durante a realização do Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Universidade de Brasília (UnB), Fundação das Nações Unidas pela Infância (UNICEF), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (FERNANDES, 2005).

No que concerne à expressão “educação do campo”, Caldart (2005) afirma que ela ganhou força quando foi utilizada na Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, na cidade de Luziânia, GO, em 1998.

Do ponto de vista político, a educação do campo surge em paralelo à luta pela educação nos assentamentos da reforma agrária, consagrando-se como política pública com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (FERNANDES, 2006). Esse tipo de educação assume a particularidade de se vincular às pessoas do campo. Apesar de seu foco em uma classe social específica, a educação do campo não deixa de possuir uma visão holística e/ou uma universalidade. Para Caldart (2005), é notório que não foi a pedagogia clássica que inventou a educação do campo, apesar de ser importante ressaltar que esta não se constitui sem o diálogo com a teoria pedagógica, com as questões universais da pedagogia e da educação.

Sob a ótica legal, as Constituições Brasileiras de 1824 e 1891 não mencionam em seu corpo textual a educação rural. Já no texto constitucional de 1934, tal temática é mencionada. No corpo de texto da Constituição de 1946 há a obrigatoriedade do ensino fundamental aos

filhos de trabalhadores de empresas agrícolas. A Constituição de 1988 proclama a educação como dever do Estado e direito de todo o cidadão, ampliando o debate (BRASIL, 2002).

Ao longo da história do Brasil houve iniciativas no intuito de escolarizar os sujeitos do campo, porém, toda sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico foi pensada para o meio rural sem o protagonismo dos sujeitos do campo. Estes nunca foram incluídos na construção do projeto político pedagógico e sucessivos governos tentaram sujeitá-los a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos (CALDART, 2002). Os relatos de sujeitos do campo em aulas/ensino convencionais retratam a realidade acima exposta: “foi na escola onde pela primeira vez senti vergonha de ser da roça” (CALDART, 2002, p. 24). É evidente que a lógica deveria ser outra.

A educação do campo é parte da construção de um paradigma teórico e político, não é fixo, fechado e não pode ser aleatório, arbitrário, de qualquer um ou inventado por alguém, grupo, instituição, governo, movimento ou organização social. Seu conceito encontra-se em movimento (CALDART, 2008). A Lei nº 9.394/96 (LDBN), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Art. 28 afirma que, na oferta para a educação básica destinada à população rural, os sistemas de ensino devem promover as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural de cada região, em especial no que concerne aos conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural. A resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, aprofunda o assunto em seu Art. 15, item II, no qual trata das especificidades do campo, observadas no atendimento das exigências de materiais

didáticos, equipamentos, laboratórios (BRASIL, 2002). Nesse sentido, várias experiências, como as citadas em Foerste (2008), proporcionam o entendimento sobre o processo de elaboração de um livro didático, fruto do diálogo entre discentes e docentes.

Diversos são os materiais produzidos pelo Governo Federal, dos quais se podem citar o Programa Escola Ativa e a criação do programa Programa Nacional do Livro Didático para o Campo (PNLD Campo). De forma geral, o objetivo desses programas é prover, com livros didáticos específicos, escolas públicas participantes do programa que possuam segmentos de aprendizagem, classes multisseriadas ou seriadas dos anos iniciais do ensino fundamental e estejam situadas ou mantenham turmas anexas em áreas rurais. Entretanto, inúmeros estudos vêm indicando que os livros didáticos não se mostram adequados no que concerne às demandas da educação do campo (FOERSTE, 2008). Munarim (2006) destaca, na linha que norteia políticas permanentes de educação do campo, a necessidade de apoio às experiências inovadoras de educação e de produção de material didático-pedagógico que apoiem o trabalho do professor e lhe tragam opções para além do livro, incentivando a pesquisa por novos materiais.

Diante dos desafios da construção da educação do campo, este trabalho apresenta o resultado da produção de material didático com o envolvimento da comunidade local, seguindo o conselho de Molina e Arroyo: “Além de estudar, escrever e fazer circular o material que produzimos é preciso consolidar um espaço permanente de debate” (MOLINA, 2002, p. 38) e apenas no campo político dos direitos terá sentido “outro diálogo entre a diversidade dos povos do campo. A produção de material didático e a formação de professores” (ARROYO, 2005, p. 103).

A construção coletiva de materiais didáticos é uma forma de contrapor o ideário

da educação rural, pois, de acordo com Fernandes (2005), enquanto a educação do campo é marcada pela participação dos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto produzido para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios e fazem do campo um espaço de produção de mercadoria e não de vida.

A partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) e, posteriormente, com os parâmetros curriculares associados, houve um entusiasmado debate sobre o ensino fundamental no Brasil, destacando os livros didáticos produzidos para esse nível de escolaridade que compreendem o esforço de redesenhar a educação brasileira impulsionada pela educação do campo. No caso do semiárido brasileiro surgiram propostas de diretrizes educacionais que contemplam a formação de professores, a prática pedagógica e materiais didáticos que, em seu conteúdo, tratem das realidades situadas no contexto das aprendizagens locais e globais (PEREIRA, 2010).

O livro didático é importante instrumento pedagógico e precisa auxiliar a educação, prática social que tem por objetivo contribuir, direta e intencionalmente, no processo de construção histórica das pessoas. Considerando-se que a educação formal está firmada no uso de livros didáticos e que eles apresentam realidades distantes do ambiente do aluno, o esforço de fazer relação do local com o regional ou mesmo global fica a cargo do professor. É ele que, geralmente, precisa adaptar o material didático pedagógico disponível, por não estar formatado para tal finalidade.

A elaboração de material didático corrobora com educadores do campo que atuam em classes multisseriadas, priorizando o conhecimento da realidade vivenciada. Tal adaptação pode proporcionar ganhos para as relações comunitárias, valorização da cultura local, uso sustentável dos recursos naturais, emancipação dos cidadãos, apropriação

do espaço escolar como integradora da comunidade, melhorias do diálogo entre a família dos educandos e professores da escola. Contudo, cabe destacar que se trata de um grande desafio para a realidade da educação do campo que se encontra em processo de estabelecimento no âmbito da educação.

No intuito de promover a educação do campo, objetiva-se relatar, neste estudo, a experiência da construção coletiva de materiais didáticos na Escola Municipal Clemente Antônio de Melo, e as interpretações de outros materiais didáticos já produzidos ao longo dos dois anos de duração do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), Diversidade do curso PROCAMPO, vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

### **Metodologia**

O trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Clemente Antônio de Melo, localizada no povoado de Itaipava, município de Vargem Grande do Rio Pardo, norte do estado de Minas Gerais. A Escola dista 730km da capital Belo Horizonte. Vargem Grande do Rio Pardo foi elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 12.030, de 1995, se desmembrando do município de Rio Pardo de Minas. O povoado de Itaipava foi a primeira comunidade de sua microrregião a constituir, em 1987, uma associação de agricultores, nessa época, ainda pertencente ao município de Rio Pardo de Minas. Agricultores de outras comunidades próximas (Brejo, Paiaia, Galante, Urubu, Cocos) também eram sócios dessa associação e seus filhos, alunos da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo, em Itaipava.

A escola funciona com as séries iniciais do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano, em classes multisseriadas. Os discentes e seus pais são agricultores familiares cujas atividades, segundo cadastro na escola,

compreendem, principalmente, plantação de hortas, cuidado das plantas e animais e a comercialização de hortaliças no povoado, na sede municipal e em feiras no fim de semana.

A comunidade educativa participa de reuniões com periodicidade bimestral na sede municipal, a fim de planejar os próximos dois meses de aula e não há reunião específica para aqueles que lecionam em classe multisseriadas. No decorrer dessas reuniões bimestrais de planejamento e acompanhamento pedagógico, são realizadas capacitações conforme a necessidade apresentada pelos professores.

Diante dessa realidade no campo, buscou-se, via PIBID Diversidade, atender às reivindicações da educação do campo, com base legal (LDB 9.394/96, CNE/CEB de 2002), referentes à produção de material didático apropriado às escolas do campo. Para o desenvolvimento desse projeto foram utilizados os respectivos recursos metodológicos: observação não participativa, gravações, fotografias, levantamento de entrevistados, reuniões com associação de agricultores e moradores da comunidade de Itaipava, transcrição das gravações, visitas aos entrevistados, desenhos ilustrativos, desenhos elaborados pelas crianças, produção e compilação do DVD e das cartilhas, realização do dia de ciranda e revisão bibliográfica.

O trabalho foi iniciado em fevereiro de 2012 pelo PIBID Diversidade vinculado ao projeto PROCAMPO da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, com o objetivo de realizar uma caracterização da comunidade e da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo. Ainda no início do primeiro semestre de 2012, efetuou-se a leitura dos documentos oficiais da escola (tais como o projeto político pedagógico) e deu-se início às observações em sala de aula e em todo o ambiente escolar. Essas observações tinham como principal objetivo reconhecer e detectar possíveis problemas metodológicos e/ou

didáticos que pudessem ser alvo de intervenções.

Apartir desse procedimento metodológico, percebeu-se a forma como uma das professoras conduzia os trabalhos: o uso de cantigas para cada ação com seus alunos (lavar as mãos, ir ao banheiro, lanche, entrar na sala, sair da sala, animação etc.). Foram consultados, pesquisados e lidos, a partir de então, artigos sobre cantigas e causos populares, livros sobre educação do campo, classes multisseriadas, contextualização da educação do campo, coleções de livros do Programa Escola Ativa, coleções de livros do PNLD Campo nas edições 2013 e 2014.

Em acordo com a professora e com a supervisora da escola, iniciou-se o levantamento das cantigas para uma cartilha, seguido pelas compilações (incluindo a transcrição) das cantigas e cantos locais/regionais, assim como de outros materiais didáticos. Tanto professores como demais membros da comunidade foram entrevistados, após assinatura de um termo de cessão de direitos para divulgação, no qual os cedentes concordaram com o uso integral ou em partes de informações por eles passadas, sem restrições de prazos ou citações, desde o momento que se iniciou a etapa metodológica, ou seja, no início de 2013, em conformidade com a legislação vigente, cedendo ao projeto de ensino, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação da referida entrevista exclusivamente para fins educacionais. Nesse momento, iniciaram-se os trabalhos com os causos a partir da reunião com a associação de agricultores, professores e demais colaboradores da comunidade de Itaipava, povoado onde se encontra a escola. Foram listados cinco entrevistados e as entrevistas, que depois foram transcritas, foram gravadas juntamente com os causos.

Em meados de 2013, já de posse do acervo de cantigas e dos causos, realizou-se o Dia de Ciranda na Escola Clemente Antônio de Melo como uma forma de socializar os trabalhos realizados com a comunidade, testar

a aprovação dos comunitários e avaliar o que foi produzido. Professores e agricultores locais foram convidados para cantar e contar os causos nesse dia para a comunidade. Toda a atividade foi gravada para a confecção de um DVD com as apresentações e brincadeiras, destinados aos professores e alunos da escola.

Ao longo de 2013, os professores utilizaram as canções e os “causos” nas atividades escolares, procurando avaliar a aceitabilidade e a inserção nos conteúdos escolares. As crianças produziram desenhos que posteriormente ilustraram o DVD e as cartilhas. Em janeiro e fevereiro de 2014 a cartilha de cantigas e brincadeiras foi finalizada e entregue oficialmente para toda a comunidade escolar, pais e moradores locais. As letras em caixa alta foram utilizadas nas cartilhas, pois é o padrão usado nas atividades de alfabetização. Assim, a cartilha pode atender a demandas dos professores e, principalmente, dos alunos da escola em fase de alfabetização.

## **Resultados e Discussão**

A produção de um DVD foi o primeiro instrumento pedagógico produzido durante a realização do Dia de Ciranda (Figura 1), utilizado como objeto de práticas pedagógicas em todas as turmas da Escola Clemente Antônio de Melo. Os resultados, em formato de técnicas projetivas (desenhos) confeccionadas pelos alunos, foram utilizados na confecção das cartilhas.

O DVD apresenta, em um cenário comemorativo da escola, a declamação de causos, a ciranda de cantigas locais, a encenação de cantigas e as brincadeiras tradicionais. Nesse sentido, por meio dos cantos e causos, o projeto pretendeu avaliar o trabalho desenvolvido até o momento, envolvendo toda a comunidade escolar, pais e moradores da comunidade. Pode-se observar a alegria e a satisfação de todos, mães e filhos, cantando, juntos, canções que marcaram gerações na comunidade.

Além do DVD, que foi planejado com o

intuito de servir como material didático para a escola, foram confeccionadas duas cartilhas: uma de cantigas e brincadeiras e outra de “causos”, para que possam ser utilizadas no ambiente escolar. A primeira, já entregue às comunidades, também se encontra disponível em ambiente virtual (<http://pibidufvjm.webnode.com>). A segunda encontra-se em fase de editoração.

O canto “Meu Lanchinho” é uma das

cantigas do repertório que está presente no dia a dia das crianças da referida escola. Entre uma atividade e outra, dentro ou fora da sala de aula, a cantiga tem a função de acalmar, animar e ensinar as crianças a valorizar o alimento e a cultura local. Tanto discentes quanto docentes, ao serem abordados sobre o uso dos cantos/cantigas, demonstraram satisfação em ter esta atividade inserida no cotidiano escolar.

Figura 1 – (a) Imã distribuído à comunidade escolar como convite para o Dia da Ciranda, realizado em 23 de agosto de 2013; (b) Momento de conto de “causo”; (c) e (d) momentos de brincadeiras e cantigas entre os alunos e professores da escola.

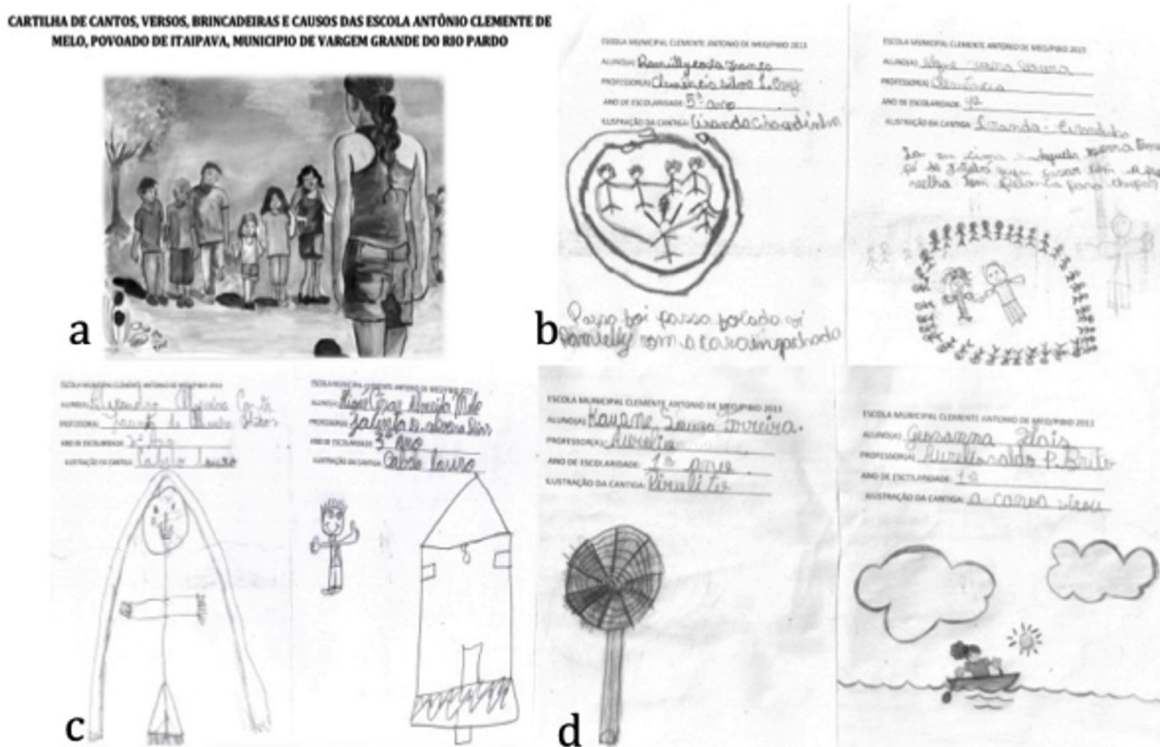


Fonte: Os autores (2013).

“Seu doutor” é uma cantiga bem tradicional que foi aproveitada para reinserção no rol de cantigas atuais. Era muito utilizada por professores no passado e estava prestes a cair no esquecimento total. Interessante

ressaltar que essa cantiga tem a aprovação dos alunos, como pode ser observado na imagem (d) (Figura 3), além da encenação feita pelos alunos, que consta no DVD produzido no Dia da Ciranda.

Figura 2 – (a) Capa da cartilha de Cantos, Versos e Brincadeiras da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo; (b), (c) e (d) ilustrações feitas pelos alunos da escola em momentos de atividades rotineiras da aula a partir de cantigas adaptadas que constam no volume.



Fonte: Os autores (2013).

A cantiga “Cabelo Louro” (Figura 2) é largamente cantada pelos pais dos estudantes e foi inserida na cartilha de cantos, considerando que ela faz parte da vivência comunitária.

Na cartilha de “causos” foram apresentados vários contos da tradição local contados por agricultores, agricultoras e uma professora.

Dentre os causos e contos, a percepção é que eles retratam a criatividade e a imaginação de agricultores que não frequentaram a escola, mas que possuem boa memória e misturam a realidade do campo com a ficção.

O causo preferido pela comunidade escolar é o do “Moço Leôncio” (ANEXO A). O causo



contado deu vazão à imaginação, como pode ser observado na Figura 3. No ambiente escolar, os contos são lidos ou contados por professores e alunos do segundo ao quinto ano em sala de aula ou em eventos comemorativos da escola que objetivam a participação da comunidade. Os pais, ao serem abordados para participarem dessas atividades, consideram que elas são uma oportunidade de motivar a continuidade dos saberes locais para as novas gerações.

Os desenhos elaborados a partir do caso do moço Leôncio (Figura 3) evidenciam a familiaridade dos alunos com a vida prática, pois expressam fatos que não constam no caso. Na Figura 3b, foram desenhados peixes na água, peixes são vistos costumeiramente no córrego da comunidade pelos alunos; já o cavaleiro montado é mais do que um bom desenho, ilustra a habilidade de quem está acostumado a montar e ver pessoas montadas a cavalo no cotidiano dos comunitários.

Com os dados obtidos na participação da comunidade escolar e nas figuras observadas com as técnicas projetivas, que visaram problematizar as cantigas e causos, pode-se perceber que, além de despertar a função social da memória, conseguiu-se inculcar a importância e a valorização dos costumes e das tradições, bem como despertar a visão crítica dos discentes, que encontram oportunidade, por meio de atividades lúdicas, de apresentar parte de seu repertório vivencial e de seu cotidiano.

Por fim, o material produzido retornou para a comunidade, a associação e a escola, em evento com esta finalidade, diferentemente de uma mercadoria produzida em série. Inverteu-se a ordem capitalista de produção do livro didático, inserindo toda a comunidade no processo, mesmo não sendo eles profissionais da área de publicação, com suas mais diversas contribuições.

Esses materiais são importantes instrumentos de apoio às práticas pedagógicas dos professores, que precisam atender às demandas locais e que não dispõem de tempo

e recursos para a pesquisa. Importante ressaltar algumas falas de professores da escola envolvidos nesta experiência sobre a importância dos contos, causos, brincadeiras e músicas nas séries iniciais do ensino fundamental:

A história envolve, nos faz viajar, além de entretenimento, desperta o gosto para a leitura, devemos levar os alunos a despertarem para ouvir histórias deleite, sem compromisso, sem cobrança. Assim, estamos formando grandes leitores e possibilitando aos alunos a interação com o meio em que vivem e despertando o sonhar e o viajar por terras nunca vistas. [...] Alfabetizar letrando é levar as nossas crianças a serem alfabetizadas na idade certa (pacto alfabetização na idade certa). Devemos alfabetizar utilizando textos sem deixar os gêneros separadamente, podemos utilizá-los sempre. A diversidade dos textos nos dá mais recursos metodológicos enfatizando-os em vários conteúdos, fazendo abordagens variadas possibilitando-nos um enfoque maior na alfabetização. Alfabetizar não significa ensinar o bê-á-bá. Significa inserir a criança no mundo letrado e enfatizar os textos faz com que a criança tenha esta oportunidade. Sem deixar de esquecer o lúdico que faz com que a criança aprende sem perceber, viabilizando o conhecimento através da brincadeira e dos jogos, o professor(a) deverá fazer a mediação no exato momento para possibilitar o aprendizado. (S. M. de P., professora e orientadora do Programa Pacto Idade Certa de Vargem Grande do Rio Pardo).

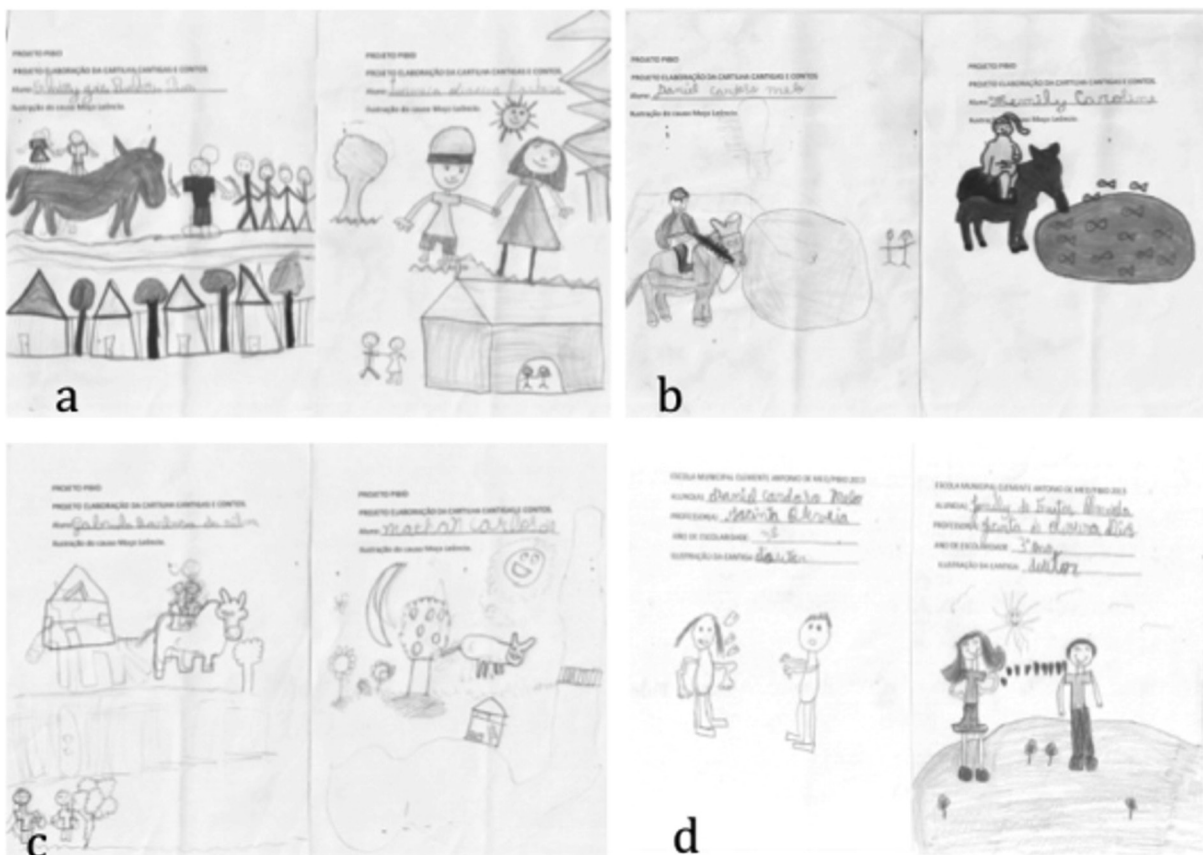
Na minha opinião, a criança se expressa e interage melhor com os colegas através da música. O professor deve utilizar cada vez mais aulas prazerosas na construção e manutenção da aprendizagem para que haja um ambiente tranquilo de convívio e não somente de cobranças. [...] Na matemática é essencial para formarem um raciocínio lógico. [...] A fascinação que a música exerce na criança é visível, basta tocar um disco infantil. A música desperta na criança alegria, vontade de cantar, de dançar, de pronunciar [...] Alarga a capacidade corporal, a percepção do espaço que a cerca, o qual ao mesmo tempo delimita ou expande os movimentos e a percepção de si mesmo e do colega. [...] A música pode ser usada na hora da chegada para dar boas

vindas, na hora do lanchinho para estimular a alimentação, na hora da saída para criar um clima mais feliz de despedida. Além disso, a música estabelece rotinas na vida do aluno e percepções a respeito de cumprimentos de horários. [...] A musicalidade como recurso pedagógico é muito importante, pois é uma ponte do processo ensino-aprendizagem, o professor pode tocar a música sobre o mesmo antes de introduzir o conteúdo. Portanto, no

cotidiano da sala de aula como mediadora de conhecimentos, recurso pedagógico, tranquilidade, entendimento e interação social. (G. S. A., professora).

A educação, para mim, é propor aos meus discentes uma nova visão do mundo em que vivemos, é prepará-los para os desafios que poderão encontrar na sociedade. (A. P. de B., professor).

Figura 3 – (a), (b) e (c): desenhos elaborados por crianças da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo a partir do causo “Moço Leônico”; (d): ilustração da cantiga “Seu Doutor”.



Fonte: Os autores (2013).

## **Considerações finais**

A metodologia pedagógica utilizada na elaboração das cartilhas educativas possibilitou o acesso a códigos de linguagem mais atrativos para os alunos, assim como o uso de referências.

A execução deste trabalho, ao longo de quase dois anos, deu ênfase à linguagem em sua função de construtora do conhecimento, fomentando a valorização da cultura local, além de instigar a apropriação da linguagem oral e escrita na abordagem cotidiana por meio das cantigas, contos e “causos” nas classes multisseriadas da escola. Esta elaboração de materiais didáticos, a partir da própria prática educativa dos professores e da comunidade escolar como um todo, permite se realizar em uma postura eminentemente própria dos sujeitos envolvidos e não como costumeiramente ocorre, ou seja, com a imposição de materiais didáticos oriundos da esfera federal ou estadual para o processo de ensino-aprendizagem em nível local.

O Dia de Ciranda foi mais que um dia de cantar e brincar, mas um momento de relembrar o passado, de torná-lo presente e reafirmar a cultura local e o fato de que as crianças podem ser educadas sem perder a sua identidade. Ademais, ficou claro que comunidade e escola devem trabalhar juntas na construção de uma educação de qualidade que atenda às necessidades do ambiente em que vivem. A produção do DVD e das cartilhas foi a forma encontrada de imortalizar essa experiência ímpar na vida da escola.

As cartilhas trazem um conteúdo precioso, pois reúne um pouco do conhecimento da comunidade, que em si, foi transportado para dentro da escola. Esse movimento traz à tona o protagonismo dos sujeitos do campo, algo almejado na luta pela educação do campo e tão debatido por Caldart (2002), Molina (2002),

Arroyo (2005), Fernandes (2005) e Foerste (2008).

Nas cartilhas, buscou-se a parceria com todos os professores da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo, cujas falas subsidiaram a pesquisa para os contos, causos e cantigas registrados. Evidente que este projeto, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade – Pibid Diversidade, que tem como objetivo maior o aperfeiçoamento da formação inicial de professores para o exercício da docência nas escolas indígenas e do campo, está deixando um registro para a escola, os alunos, os professores, os moradores de Itaipava e para o município de Vargem Grande do Rio Pardo sobre a relevância cultural da região e de como isso é exemplarmente usado pelos professores dessa escola.

Em acepções mais amplas, é possível inferir, conforme apontam os resultados, que a realização do projeto contribuiu sobremaneira para o resgate de tradições e costumes, o fomento da valorização da cultura e saber local, a possibilidade de ofertar maior visibilidade aos povos e comunidades tradicionais e a sabedoria do campo.

## **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid Diversidade, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os autores agradecem toda a comunidade do Povoado de Itaipava, funcionários da Secretaria de Educação de Vargem Grande do Rio Pardo e comunidade escolar da Escola Municipal Clemente Antônio de Melo.

## Referências

ARROYO, M. G. Por um tratamento público da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A de. (Org.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. v. 5. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004. p. 54-62.

BRASIL. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Brasília, DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2002.

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In.: KOLLING, E. J.; CERIOLLI, P. R.; CALDART, R. S.(Org.). **Educação do campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002.

\_\_\_\_\_. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A de. (Org.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. v. 5. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2005, p. 10-31.

\_\_\_\_\_. Sobre educação do campo. In: SANTOS, C. A. dos (Org.). **Campo**: políticas públicas: educação. Brasília: INCRA-MDA, 2008.

FERNANDES, B. M. Os camponeses da pesquisa em educação do campo: espaço e território com categorias essenciais. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.

FERNANDES, B. M; MOLINA, M. C. O campo da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A de. (Org.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. v. 5. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004. p. 53-86.

FOERSTE, E. Discussões acerca do projeto político da educação do campo. In: FOERSTE, E., SCHÜTZ-FOERSTE, G. M., SCHNEIDER, M. L. D. (Org.). **Por uma educação do campo**: projeto político-pedagógico da educação do campo. v. 6. Vitória/Brasília: PPGE/PRONERA/INCRA, 2008. p. 75-126.

MOLINA, M. C. Desafios para os educadores e as educadoras do campo. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.). **Educação do campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2002.

MUNARIM, A. Elementos para uma política pedagógica de educação do campo. In: MOLINA, M. C. **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 15-26.

PEREIRA, A. A; LIMA, M. G. S. B. Formação de professores: tecendo olhares e diálogos sobre o livro didático e a prática pedagógica. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 15, n. 23, jul./dez. 2010.

Submetido em 9 de dezembro de 2015.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2016.

## **ANEXO A**

### **CAUSO DO MOÇO LEÔNCIO**

**Contador: JOSINO ANTÔNIO DE MELO,  
AGRICULTOR DE 91 ANOS**

Eu vou contar a história de um analfabeto  
nascido aqui nesse sertão  
Você olha e presta bem atenção  
Que é um tempo muito fino dessa nossa  
geração.

Com sete anos de idade, a escola eu  
frequentei  
Com 13 anos de idade, todos os assuntos  
eu deixei.  
Foi uma vida tranquila sete anos que  
estudei

Depois de 7 anos eu peguei a viajar  
Meu pai era homem que tinha e me pôs  
pra negociar.  
Nas costas do bom cavalo eu acabei de  
me criar...

Andava pelo mundo, andava muito  
arriscado  
E quem anda com dinheiro anda bem  
precipitado  
Eu nunca sofri com respeito, eu sofri por  
ser enamorado

Esse namoro que eu tinha  
Num lugar muito arriscado  
Tinha que atravessar o rio São Francisco  
“xavado”

Para mim era bom,  
Devido a mercadoria...  
O pouquinho que eu levava, por bom  
dinheiro vendia.  
Um dia eu saí de casa  
Saí “treminado”  
A mais bonita moça eu vou estar  
desenganado

Cheguei lá na sua casa e entreguei uma  
cartinha,  
Mas não achei diferença  
Da carta dela pra minha.

Arrumei minha bagagem, já querendo ir  
embora...  
Um pouco mais tarde procurei minha  
senhora...  
Ela veio naquele caminho e veio logo sem  
demora.

Eu pequei a minha amada, joguei no meu  
cavalo ruzzinho,  
Cavalo espécie ligeiro por nome de  
passarinho.  
Me atirei com coragem naquele longe  
caminho.

Na beira do rio cheguei,  
Adulei os canoeiros

Mas um não adulei

A um dos canoeiros disse  
Quanto quer ganhar para passar essa  
moça?

Eu tenho dinheiro para pagar e ele me  
respondeu:

Eu falo, meu caro senhor,  
Que para passar essa moça, dinheiro não  
tem valor  
Por que o pai dessa moça é o nosso  
superior!

O pai dela foi chegando,  
Arrasa com nossa família  
E um a um ele vai matando  
Quem tá de fora quem tá quieto  
Para quem já vem chorando,  
Eu direi pra minha amada, amado que se  
faz?

No meio da viagem nada mais...  
Voltei pra trás, joguei o cavalo na água  
Atravessei em santa paz.

Ela me respondeu sim, senhor,  
Não tem porque nos esperar,  
Mas antes nós morreremos na água do que  
meu pai nos matar.

Eu pedi a Deus que fizesse de nós três  
O que lhe fosse pedido...  
Por essas duas almas ficasse o pai do lado  
do filho...

Joguei o cavalo na água  
vi o cavalo descer...  
Lá no meio da água eu vi o cavalo  
esmorecer...

Aquele perdeu uma pistola pra com ela

eu atirar  
Dois tiros mortiosos fiz na água varar.  
Aí achei o cavalo forte pro melhor rio  
nadar.

Às quatro horas da tarde meu cavalo eu  
celei,  
Mas quando eu saí na estrada  
O pai da moça encontrei  
Ele vinha a minha procura  
com cinquenta cangaceiros  
Me chamando de atrevido, confiado e  
desordeiro...

Eu também falei  
Quando me vi cercado  
Morrendo por essa moça eu morro muito  
bem consolado

Ainda lembro, morro sabendo  
O velho se dirigiu a mim com palavras  
amorosas:  
Não esperava ver minha filha, mas só  
atravessar o rio

Fiquei pasmado  
Ou são boas orações ou será de Deus  
guiado  
Toda raiva que eu te tive, amigo, agora  
está perdoado!

E depois continuou amigo, tu volta pra  
minha casa  
E case com a minha filha voltei pra casa  
do velho  
Cheguei com três dias e meio

Casei com a dita moça, pra mim não foi  
muito feio,  
Faça filho quem quiser, quero morrer  
descansado  
E empregar o seu amor quando for do seu  
agrado